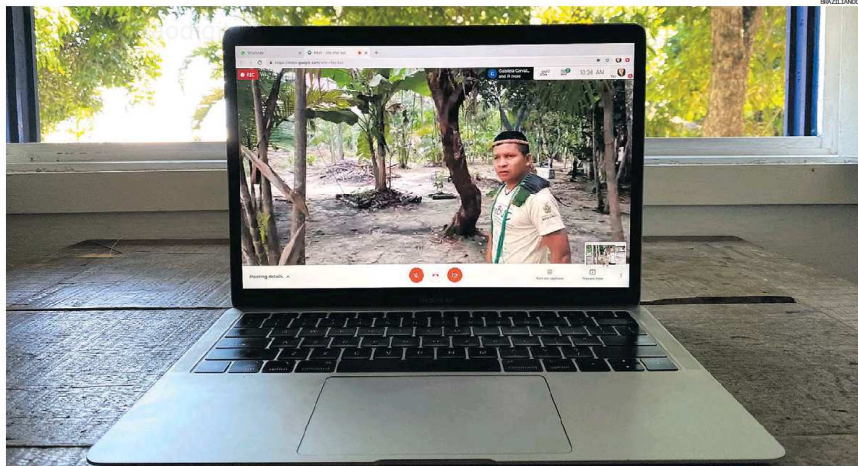


# NA QUARENTENA

**Bete Coelho**  
O brilho como Medeia, na internet **L. PÁG. H5**



**Tempo real.** Braziliando põe viajante em contato com comunidade Baré na Amazônia; eles mostram arte, costumes e trabalho de preservação ambiental

## viagem

**Nathalia Molina**  
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Na minha bagagem para a viagem virtual até o povo Baré, na Amazônia, eu levava muita curiosidade e, devo admitir, certa apreensão. Alguma pergunta seria inadequada? Por onde começar a descobrir aquele mundo tão distante do meu, de mulher branca e urbana até o último fio dos meus cabelos pintados? Aquela história apostou nos livros de História do colégio nos anos 1980 — “índios, os primeiros habitantes do Brasil” — já havia caído por terra, no entanto, meu contato com os povos indígenas não passava de leituras e programas vistos já durante a pandemia.

Ciente da minha ignorância, decidi ser gentil comigo. Aceitei embarcar na Conexão Baré, vivência ao vivo da Braziliando. Essa é uma das experiências online com os primeiros povos do País para realizar de casa. Nem pense em índios de cocar, seminus, dançando pintados. A proposta é conhecer os indígenas, os atuais habitantes do Brasil, afinal.

“A viagem presencial tem um público específico. Não é todo mundo que está disposto a ficar na comunidade. Acredito muito que o online pode ser um início de despertar e ainda permite a participação de deficientes visuais e pessoas com dificuldade de locomoção”, afirma Ana Taranto, que fundou a Braziliando com a mãe, Tereza, após uma viagem das duas ao norte do País.

As iniciativas dão visibilidade ao turismo comunitário e ajudam enquanto a visita presencial não é recomendada. A ideia é seguir com o tour virtual mesmo quando acabar a pandemia. A

# ALDEIA VIRTUAL

Viagem online mostra povos indígenas com tours e cultura



**Néon. Efeito para destacar ancestralidade**

Braziliando já fez dez viagens online com 170 pessoas, gerando R\$7 mil em renda para a comunidade. Antes da pandemia, ela levava viajantes até a Comunidade Indígena Nova Esperança, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Puranga Conquista.

Com 20 anos de experiência em turismo pedagógico em São Paulo, a Terra Nativa também buscou um meio de transportar a vivência em campo. Criou uma expedição virtual à Tenendê Porã, terra Guarani no sul da capital paulista. “A gente gosta de conversar com o passageiro, para conhecer a experiência dele com o assunto e construir em cima. Dependendo do público, fala mais sobre demarcação de terra, artesanato ou culinária”, conta Paulina Talaska, dona da Terra Nativa.

A previsão é seguir com as expedições virtuais após a pandemia para o viajante já ir no lugar com algum conhecimento e poder aprofundá-lo presencialmente.

As duas iniciativas são diferentes e, de certo modo, até complementares. A Conexão Baré é ao vivo; você interage, faz perguntas aos indígenas. Com preço sugerido de R\$150 por pessoa, a vivência da Braziliando leva 2h30 e a imersão começa três dias antes, com que e sugestões de playlists de músicas e vídeos.

Na Terra Nativa, o guia fica online com o viajante, enquanto ocorre gravação com a comunidade, com pausas para interações sobre a realidade indígena. Também é abordado no vídeo o Nhanderé, estilo e filosofia de vida dos Guarani, alinhados com uma concepção mais universal. Dura 1h30 e custa R\$69 por pessoa. Nos tours online, a dificuldade

de acesso físico dá lugar a outro tipo de perreque, o tecnológico. O viajante está sujeito a quedas de sinal. Na Conexão Baré, vi sem nítidez a biblioteca com grafismos, o artesanato e escola onde o nhengatu é ensinado ao lado do português. Natural, e tudo previamente avisado pela Braziliando. O sinal lá é via satélite.

“A gente sabe que a internet não é muito boa. Porém, entende que essa interação em tempo real é muito valiosa”, diz Ana. Para compensar as instabilidades, ela rapidamente põe na tela fotos ou vídeos do que está sendo comentado pela comunidade.

A antropóloga Camila Barra, que trabalha com a ONG Garupa, acha que os tours virtuais podem ajudar na divulgação dos roteiros. “A grande diferença que essas iniciativas podem fazer é trazer futuros visitantes. Depois, recomendo que as pessoas busquem organizações indígenas e parceiros para apoiá-los na retomada do turismo”, diz.

Mas, para ela, é uma solução temporária. “A vivência ao vivo é outra coisa: experimentar dormir na rede, percorrer o território com as pessoas de lá. E para eles são dias de festa. Também estão ansiosos para tudo voltar. Nessas experiências, a conexão é de ambos”, afirma Camila, que ajudou a formatar o roteiro Seras Guerreiras de Tapuruquara. “Com o recurso que o visitante leva para essa comunidade, eles fazem frente ao garimpo e à extração de madeira ilegal.”

Atualmente, segundo ela, as comunidades no Médio Rio Negro estão vacinadas e a Garupa busca recursos para ir até lá para ajudá-las na criação de protocolos para a retomada. Enquanto isso, para apoiar 23 etnias da Amazônia, há a página noscuidamos.foim.org.br para doações.

**Música.** O contato online pode seguir por outros campos. O Sesc Digital tem um bate-papo sobre música indígena em 29 de maio. E o tema do encontro entre Renata Tupy e Renata Tupy pinambá (uma das fundadoras da Rádio Yandê) e Magda Pucci (criadora do grupo Mawaca, que pesquisa músicas de povos de várias partes do mundo, incluindo indígenas).

Em busca de representar a força dos antepassados que pinturas e artefatos carregam, o fotógrafo indígena Paulo Desana usou tinta néon para capturar as imagens da série *Pantirrimasa (Os Espíritos da Transformação)*, na qual fotografa pajés e artesãos do Alto Rio Negro. O projeto está na exposição coletiva *Desmanche*, no site do Centro Cultural Vale Maranhão. “Sentia falta de algo forte que pudesse mostrar a ancestralidade. Vi em um anúncio sobre tintas para festas de Halloween que as fotos ficavam brilhantes, que os efeitos luminescentes geravam imagens intensas e coloridas, então pensei que isso daria a experiência sensorial e artística.”

### COMO COMPRAR TOUR VIRTUAL E ARTESANATO DAS COMUNIDADES INDÍGENAS

• **Conexão e artesanato Baré**  
O tour ao vivo da Braziliando (braziliando.com) dura em torno de 2h30. Custa R\$150 por pessoa; quem pode colaborar com R\$200. O artesanato produzido pela comunidade na Amazônia inclui peças como botões e arrais de madeira e está à venda no Instagram @surisawa\_muraki.

• **Expedição Tenendê Porã**  
A experiência da Terra Nativa (terranativa.com.br), mediada

por guia, leva cerca de 1h30 e sai a R\$99 (valor individual). No site tenendepora.org.br é possível entrar em contato para a compra de artesanato da terra indígena.

• **Vivência e bonecas Tikuna**  
Com cinco encontros virtuais ao vivo, a vivência indígena com We'e'na Tikuna (R\$497) fala de música, espiritualidade, pintura e educação nas aldeias. Há 11 modelos de bonecas de pano (a partir de R\$129), com nomes e gra-

fismos tikuna diferentes. Como são fabricadas manualmente, a artista entrega o que está encomendado antes de abrir novas compras no site; a próxima leva deve estar disponível até junho. Na loja online, há ainda peças feitas pelos indígenas da aldeia na Amazônia, caso do boneco de madeira feito pelo pajé (R\$250). Informações: weenatikuna.com.

• **Arte de etnias do Rio Negro**  
A Warirô Rio Negro é uma marca



**Variedade.** Loja online vende de cestaria a bijoijos

coletiva de 23 etnias do Alto e do Médio do Rio Negro. Tem banco de madeira tukano, cerâmica banwa e cestaria dos koripaco e dos inanômis, por exemplo. No Instagram @casawario, não destaque, pode-se ver onde encontrar o artesanato em lojas físicas, em São Paulo e Paraty (RJ).

• **Galeria Amazônia**  
Vende cestaria, pintura, cerâmica, esculturas e camisetas, entre outras peças feitas por pelo me-

nos 15 etnias — entre elas, parakanã, waimiri atroari e saterê mawé. Na loja online, os produtos custam a partir de R\$12,50 (brinco de piaçava). Quem vai a Manaus também pode ver as exposições do espaço, que surgiu a partir de um projeto para valorizar a diversidade socioambiental da Amazônia, uma parceria entre a Associação Comunidade Waimiri Atroari (ACWA) e o Instituto Socioambiental (ISA). Site: galeriamazonica.org.br.

